



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

INTERVENÇÃO DE EDUARDO FERRO RODRIGUES,

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

CONFERÊNCIA “VIOLÊNCIA NO DESPORTO”

SALA DO SENADO – PALÁCIO DE SÃO BENTO – 3 ABRIL DE 2018

Sejam bem-vindos à Assembleia da República.

A última vez que falei em público foi há 15 dias na Gala da Federação Portuguesa de Futebol. Com muito gosto e honra. E agora, depois de uma intervenção cirúrgica, volto a tema semelhante.

Quero começar por saudar a Comissão de Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto por promover esta iniciativa sobre Violência no Desporto.

Uma saudação pelo momento, bastante oportuno, em que ocorre a conferência, mas também pela diversidade dos participantes.

Vamos ter aqui oportunidade de ouvir não apenas o poder político, como também especialistas no fenómeno, representantes das organizações do desporto, bem como a visão dos setores da justiça, da segurança e dos média.

Assim se promove o debate público esclarecido e a identificação das melhores soluções para potenciar oportunidades e enfrentar desafios.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Sou de há muito um amante do desporto, em particular do futebol. Sou também hoje muitíssimo mais observador do que praticante, mas ainda assim um observador que procura estar atento ao fenómeno desportivo e que já tem uma memória suficiente para identificar algumas mudanças e algumas tendências.

Historicamente, identificamos o desporto com os valores olímpicos e universais da participação, da lealdade, da solidariedade, da competição dentro das regras, da superação individual e coletiva. São valores que passam entre gerações e que queremos preservar, a bem da coesão das nossas sociedades.

A profissionalização e a mediatização trouxeram inegáveis resultados sociais, económicos e desportivos.

Portugal acompanhou essa mudança global e tem tido resultados notáveis. Não apenas no futebol, e não apenas no futebol de onze, mas também no atletismo, no hóquei em patins, no judo, temos tido resultados extraordinários para a nossa dimensão populacional e económica.

Mas nem tudo corre bem no mundo do desporto.

E quando falamos de Violência no Desporto é impossível não pensarmos imediatamente no futebol, mesmo sabendo que também atinge outras modalidades.

É inquestionável o impacto social do futebol. Espero que compreendam por isso que me refira ao caso do futebol mais em detalhe.

Neste caso do futebol, para sermos justos, temos de começar por reconhecer que quer a nível de clubes, quer a nível de seleções, atingimos um grau de desempenho tal que podemos dizer que são raros os outros setores de atividade nacional que se lhe podem comparar.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

E, por isso mesmo, a responsabilidade é maior. Responsabilidade de todos.

Isto é mérito do associativismo e da autonomia do futebol, e de toda uma nova geração e de alguns de dirigentes que, na Federação, na Liga e nas SAD's, souberam colocar o futebol português num patamar bastante elevado.

Vimos isso na presença de clubes nas finais das competições europeias, e no historial recente da seleção de futebol, que teve como corolário a vitória no europeu de França.

Soubemos agarrar os desafios da profissionalização e da mediatização.

Organizámos em 2004 um campeonato europeu que foi um exemplo, raro, de ausência de violência. E quero aqui saudar as nossas forças de segurança por isso, e pela excelência que genericamente pauta a sua atuação.

No entanto, temos também de saber prevenir os riscos persistentes associados ao fenómeno social do futebol, e temos de saber atacar a tempo os focos de violência.

É que o futebol, em particular na Europa e na América do Sul, é um território de paixões identitárias que é tão capaz de gerar manifestações coletivas maravilhosas como comportamentos condenáveis.

Por vezes, as rivalidades clubísticas coincidem com rivalidades políticas, sociais e religiosas. Não é, felizmente, o caso em Portugal.

Bill Shankly dizia que “O futebol não é uma questão de vida ou morte. É muito mais do que isso”.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

A frase, além da fina ironia e do manifesto exagero, contém um fundo de verdade: o futebol é um último reduto de paixões identitárias que mobiliza multidões para algo que pode ser muito positivo, que é a participação na vida do clube ou o apoio à seleção, ou para algo muito negativo, que é o que acontece quando essa paixão se transforma em violência física e moral...

É uma fronteira ténue, difícil de manter, mas que tem de existir e que temos de preservar.

O Desporto de alta competição, nomeadamente o futebol, tem sido um exemplo de profissionalismo e autorregulação. Julgo que assim deve continuar. Sou um grande defensor dessa autonomia e de uma separação clara entre os poderes do Estado e os poderes do desporto.

Mas encontro-me entre aqueles que consideram que o mundo do futebol não pode ser um mundo à parte, onde a Constituição e as Leis da República não entram.

Como na política em democracia, o futebol deve ser escrutinável. O pior que poderia acontecer seria, em paralelo à importante participação tecnológica na verdade dos resultados, existirem insinuações sem resposta a questões como a lavagem de dinheiro, a corrupção de intervenientes fundamentais, a cultura do ódio e da violência organizada, a lisura de quem decide e de quem controla quem decide.

O direito à autonomia traz aos dirigentes desportivos grandes responsabilidades. Responsabilidades sociais acrescidas, porque estamos a falar de um fenómeno que movimenta emoções de milhões de pessoas, e vastos recursos económicos e financeiros.

Ao poder político cabe ir acompanhando com atenção o desporto e o futebol em todas as suas dimensões. E se necessário, através do Parlamento ou do Governo legislar contra a violência, a corrupção, a intimidação, a fraude, a calúnia, as violações do segredo de justiça após denúncias anónimas.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Como Presidente do Parlamento não posso nem devo tomar a iniciativa em matéria legislativa mas vejo com bons olhos que, sem pôr em causa a autonomia dos seus poderes próprios, o futebol seja mais escrutinável, já que pelo seu impacto social, cultural e ético, diz respeito à sociedade no seu todo.

Nesse sentido, quero deixar aqui duas mensagens finais. Aos dirigentes e aos *média*.

Os dirigentes desportivos são representantes democraticamente eleitos dos clubes e dos seus associados. Esse estatuto confere-lhes uma responsabilidade acrescida. Representam institucionalmente milhares de sócios, nalguns casos milhões de adeptos. Representam, no caso das sociedades anónimas, os acionistas. Representam, acima de tudo, uma história, uma instituição, uma comunidade de pessoas unidas por um ideal. Nunca se devem esquecer disto.

Nunca se podem esquecer do exemplo que estão a dar aos atletas, aos jovens, e aos adeptos que representam.

Aqui penso que os *média* também têm um papel a desempenhar.

Como adepto, gostava de ver mais debates sobre futebol, como acontece quando joga a seleção nos europeus e nos mundiais, e menos debates que funcionam como uma espécie de combates sobre avaliações de arbitragens, casos da justiça ou sound bites de dirigentes.

Vou usar uma expressão que se ouve muito em relação à política: “**crispação**”; **há demasiada crispação no espaço público desportivo e futebolístico. Talvez porque a crispação no debate político-partidário é hoje muito menor, e essa é uma forma barata mas perigosa e lamentável de ter audiências, num mundo em que o populismo acéfalo substitui a discussão racional, com consequências muito graves, se isto não for denunciado e alterado.**



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

É uma tendência que se têm vindo a afirmar e que não pode deixar de merecer um escrutínio crítico, porque quando falamos de desporto, quando falamos em particular de futebol, não estamos apenas a falar de um simples jogo de onze contra onze, estamos a falar de um fenómeno com um elevado impacto social que implica um sentido da responsabilidade igualmente elevado por parte dos seus principais agentes. Aplicando ao futebol os conceitos que Max Weber usou para a política, diria que também no futebol a ética da convicção tem de ser conjugada com a ética da responsabilidade.

Muito obrigado pela vossa atenção, faço votos para que tenham aqui uma excelente jornada de reflexão.

Eduardo Ferro Rodrigues